



A VITÓRIA NA PRIMEIRA BATALHA

Floyd V. Churchill

Este artigo é uma análise crítica da estratégia soviética para a Primeira Batalha na Europa Ocidental. Ele argumenta que a estratégia soviética é baseada na ideia de "vencer" a primeira batalha, o que significa não perder. O autor analisa como a estratégia soviética pode ser modificada para aumentar as probabilidades de "vencer" a primeira batalha. Ele também discute os fatores mundiais e reais que afetam o conceito convencional de "vencer".

O FM 100-5, publicação básica americana da nova série de manuais "Como Combater" torna bem claro que se deve "vencer" a primeira batalha. Este artigo analisa o que significa vencer, e que modificações deveriam ser introduzidas na doutrina de defesa atual a fim de aumentarem as probabilidades de "vencer a primeira batalha" num TO europeu. Por exemplo, "vencer" poderia ser definido como não perder. Com o Tratado de Varsóvia, sob a égide soviética, desenvolvendo a sua tática de "investida arrojada" para enfrentar a defesa ativa utilizada pela OTAN, e a probabilidade crescente de que os russos utilizariam unidades aero-terrestres e de assalto aéreo na retaguarda das divisões de primeira linha da Aliança Aliada, talvez sejam oportunas algumas modificações no conceito de defesa ativa. O autor faz algumas recomendações a esse respeito.

Bonn: Domingo 13 de janeiro de 1980, 10:00 horas... O Quartel-General do CENTAG informa que o ataque soviético, desencadeado há cerca de seis horas, penetrou 60 quilômetros no território da República Federal Alemã.

Segundo esta "informação" pareceria que as forças da OTAN perderam a primeira batalha. Mas talvez não! Este artigo analisará esta conclusão, os fatores mundiais doutrinários e reais que a afetam, e o conceito convencional de "vencer" a que estão ligados. Para ser mais específico, a hipótese apresentada é que embora a idéia de "vencer" a primeira batalha seja sensata e represente um imperativo legítimo, as realidades da situação europeia exigem que os conceitos e critérios de "vencer" sejam reformulados e redefinidos.

É importante acentuar logo de início que nem os conceitos investigados adiante nem as conclusões e recomendações

subseqüentes devem ser considerados derrotistas. A intenção deste artigo é apenas acentuar as áreas que precisam ser analisadas e discutidas mais a fundo. Acredito que um sistema aperfeiçoado de defesa ativa exigirá tenacidade mental ainda maior dos que teriam de executá-lo, proporcionando simultaneamente maior probabilidade de que uma defesa viável se encontrará disponível e em posição para combater a segunda batalha.

Este artigo foi dividido em cinco capítulos. Os dois primeiros tratam do conceito de defesa ativa do exército e dos problemas ainda mais importantes que serão confrontados na aplicação desta doutrina. O terceiro examina as doutrinas e técnicas soviéticas correntes aplicáveis às operações ofensivas contra uma defesa ativa. O quarto capítulo revela algumas incoerências na lógica entre as nossas intenções e as possibilidades soviéticas. O último apresenta recomendações para o aperfeiçoamento da defesa ativa no ambiente europeu.

O objetivo primordial do Exército é vencer a guerra terrestre — combater e ganhar batalhas de alta ou de baixa intensidade contra qualquer inimigo, seja onde for enviado para combater.¹

Este trecho do (FM) 100-5 Operações, publicação básica da nova série de manuais sobre "Como Combater", revela a importância fundamental atribuída ao conceito. A idéia não é certamente nova. O critério único e em geral aceito, para determinar a qualidade e o mérito dos exércitos, tem sido, em todas as épocas, a sua capacidade para vencer. Mas é conveniente recordar que têm havido muitos critérios, bastante diferentes, para decidir quem "ganhou" ou "perdeu". A História registra como vencedores o Cônsul Romano Quinto Fábio Má-

ximo Verrucosus, na campanha de 217 A. C. contra Aníbal, e Napoleão, na batalha de Austerlitz.

A vitória deste em Austerlitz já é por demais conhecida para que seja preciso descrevê-la aqui. Basta dizer que ele venceu na maneira clássica, destruindo a capacidade do inimigo para combater como força organizada, e rechaçando-o do campo de batalha. Fábio, por outro lado, ingressou no grupo selecionado dos vencedores ao recusar-se a empenhar suas legiões numa batalha campal que ele sabia que não podia vencer, preferindo em vez disso, inquietar os acampamentos de Aníbal, devastar as terras em seu redor e emboscar seus destacamentos de forrageadores. Em consequência, Aníbal, incapaz de aproximar-se do exército inimigo ou de destruí-lo, ou, ainda, de manter seu próprio exército no local, foi forçado a retirar-se para Cartago.

Sou da opinião de que a situação confrontada pelo Exército dos EUA na Europa assemelha-se muito mais à de Fábio do que à de Napoleão. Partindo desta perspectiva, é possível justificar com facilidade a opinião atual de que a definição mais realista e produtiva de êxito na Europa consiste em compreender os critérios soviéticos de vitória e estruturar nosso sistema defensivo para privá-los dessas oportunidades.

Para encetar o processo de desenvolvimento dos parâmetros e características de tal sistema, vale a pena examinar, em primeiro lugar, o método atual de defesa dos EUA como base de comparação. O Exército Americano encontra-se atualmente no processo de adotar o que se chama defesa ativa. Este tipo de defesa combina características das defesas de posição e móvel com alguns conceitos novos.

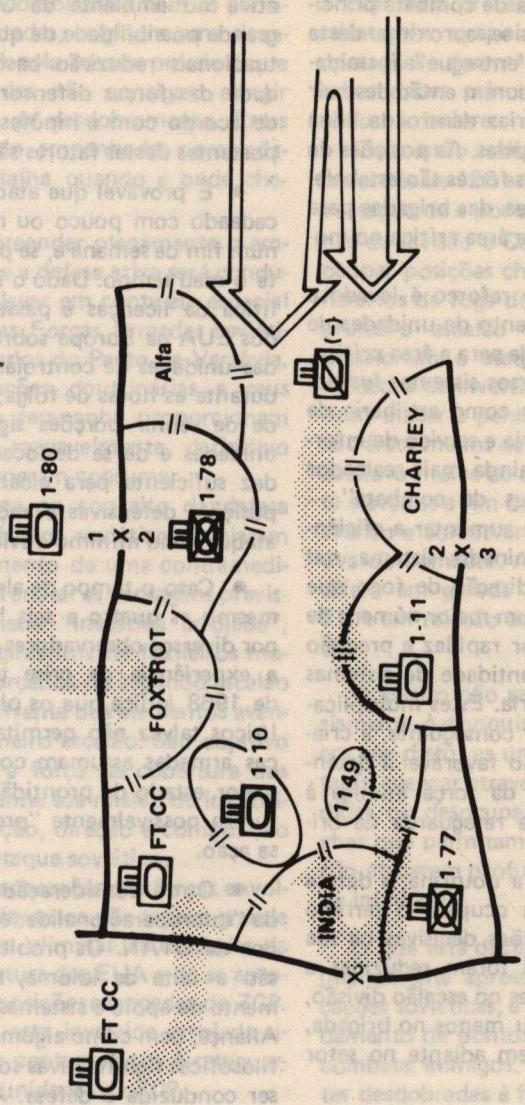


Figura 1

Doutrinariamente, ela é uma defesa em profundidade com vultosas forças de cobertura que travam uma batalha essencial à frente da zona de combate principal (ZCP). Quando se aproxima desta zona, o inimigo é "entregue" às unidades da ZCP que procuram então destruir as unidades adversárias dentro da zona de ação de suas brigadas. As posições de combate e os pontos fortes são estabelecidos em toda a área das brigadas para facilitar o reforço da área crítica no momento crítico.²

Este processo de reforço é levado a cabo pelo deslocamento de unidades de flanco e da retaguarda para a área crítica, apoiadas pelos diversos sistemas funcionais da divisão, tais como artilharia de campanha, engenharia e serviço de informações. Estes são ainda mais realçados por "multiplicadores de combate" — ações adotadas para aumentar a eficiência de um determinado sistema, tal como o tático de direção de fogo que nos permite atacar um maior número de objetivos com maior rapidez e precisão com uma certa quantidade de sistemas de armas de artilharia. Estes multiplicadores facilitam, por conseguinte, a criação de uma situação favorável à detenção ou destruição da força inimiga à frente do limite da retaguarda da brigada.

De acordo com a doutrina, a defesa ativa controlará ou ocupará o terreno chave, aceitando ações decisivas na sua defesa. As reservas foram reduzidas a um ou dois batalhões no escalão divisão, e a um batalhão ou menos no brigada, estando situadas bem adiante no setor mais perigoso.

A defesa ativa parece ter grande mérito como conceito. Porém, como ocorre com todas as concepções, seu valor real para o usuário reside na sua adequa-

bilidade para resolver os problemas e restrições para os quais foi planejada. Quando se aplica o conceito de defesa ativa no ambiente da OTAN, surge a grande possibilidade de que os fatores situacionais reduzirão bastante a capacidade das forças defensoras de atuarem de acordo com a hipótese. Os mais importantes destes fatores são:

- É provável que ataque seja desencadeado com pouco ou nenhum alerta, num fim de semana e, se possível, durante o mau tempo. Dado o impacto da política de licenças e passes do Exército dos EUA na Europa sobre a capacidade das unidades de controlar o seu pessoal durante as horas de folga, a probabilidade de reunir porções significativas das unidades e de se deslocarem com rapidez suficiente para alcançarem as suas posições defensivas avançadas, antes do ataque, é no mínimo duvidosa.

- Caso o tempo de alerta exceda até mesmo as quatro a seis horas previstas por diversos observadores especializados, a experiência da crise tcheco-eslovaca de 1968 indica que os planejadores políticos talvez não permitam que as forças armadas assumam com rapidez um maior estado de prontidão devido à natureza possivelmente "provocante" dessa ação.

- Outra consideração é o problema da "interoperacionalidade" entre os aliados da OTAN. Os problemas principais são a falta de idioma, armas, equipamento de apoio e sistemas comuns nesta Aliança, bem como algumas divergências filosóficas significativas sobre como deve ser conduzida a defesa. Até que ponto estes fatores influentes prejudicarão a capacidade teórica das diversas armas e técnicas de defesa é assunto de debates constantes.

• Ações orientadas pelos soviéticos, tal como a sabotagem coordenada das instalações de transporte e comunicações quando combinadas com as considerações já citadas, originam uma situação em que é pelo menos provável que muitas unidades não consigam atingir suas posições de desdobramento. Estas acabarão sendo empenhadas parceladamente na batalha quando e onde chegarem.

Para compreender plenamente o ambiente em que a defesa ativa será conduzida, deve-se levar em conta em especial o que farão as Forças Armadas soviéticas e seus aliados do Pacto de Varsóvia. Suas dissertações doutrinárias e seus exercícios de campanha proporcionam um modelo razoavelmente definitivo do que elas esperam consumar.

Em resposta ao conceito de defesa ativa dos EUA, os soviéticos iniciaram o desenvolvimento de uma contramedida destinada a anular as vantagens previstas. Denominada "investida arrojada", ela coloca regimentos de fuzileiros motorizados reforçados do segundo escalão do exército à frente dos elementos avançados do primeiro escalão. Seu objetivo é evitar que a força de cobertura dos EUA desempenhe sua missão de identificar a localização, direção e composição do principal ataque soviético.

Dadas as proporções das forças envolvidas, tais regimentos não teriam grande dificuldade em eliminar as unidades da força de cobertura dos EUA e de se aproximar das posições avançadas da ZCP. Na realidade, esta investida arrojada situa a linha de contacto logo à retaguarda das nossas unidades da ZCP.

O resto da hipótese é coerente com seus preceitos de muitos anos: o emprego maciço de artilharia (com até 140 peças por quilômetro de frente de penetra-

ção) e superioridade esmagadora em homens, carros de combate e veículos de combate de infantaria. O ataque contra a ZCP seria precedido por atividade de sabotagem e apoiado diretamente por operações desant³ empreendidas por subunidades principais dos escalões divisão e inferiores.

Estas serão realizadas por forças aero-terrestres de 120 a 180 quilômetros mais à retaguarda e por assaltos aéreos nas zonas da divisão e Corpo de exército para ocupar posições chaves ao longo dos itinerários de fuga dos EUA. As forças do primeiro escalão do assalto principal pressionam o ataque, ultrapassando as unidades de investida arrojada para localizar, atacar e penetrar as forças da ZCP nas áreas menos defendidas. É previsto e aceito o índice de desgaste extremamente elevados a fim de manter o ímpeto do avanço e conservar do seu lado a iniciativa do combate. A orientação soviética difere em grande parte da prática dos EUA em relação aos objetivos pretendidos:

O assalto não será destinado necessariamente à conquista de terreno chave; em vez disto, as unidades atacantes tentarão avançar através de áreas mal defendidas ou desocupadas para criarem brechas que permitam as forças de exploração atacarem profundamente a retaguarda inimiga.⁴

O que esta declaração insinua, e é explicitamente apresentado noutras publicações soviéticas, é a precisão do desdobramento de pontos fortes e posições de combate inimigos. As forças combatentes desdobradas à frente não constituem objetivos do primeiro escalão, devendo ser em geral evitadas ou ultrapassadas. O principal imperativo desses elementos avançados é manter o ímpeto e penetrar.

Os objetivos típicos de uma divisão de fuzileiros motorizada poderiam incluir as reservas divisionárias do inimigo (denominadas reservas táticas pelos soviéticos), as unidades de artilharia de campanha (principalmente as dotadas de capacidade nuclear), as reservas de Corpo de exército, postos de comando, áreas logísticas principais e pontes importantes ou pontos de estrangulamento que controlam a retirada de forças americanas. Depois de atingidas, capturadas ou destruídas estas posições, a operação terá evitado eficazmente a reconstituição da defesa, e transformar-se-á numa exploração e perseguição com a passagem de forças reforçadas com carros de combate para completar a destruição do remanescente das forças inimigas na zona de combate.

De acordo com esta breve análise da ofensiva soviética é possível discernir com um grau de certeza razoável os critérios soviéticos de vitória. Os mais fundamentais deles são:

- As forças do primeiro escalão penetraram as unidades defensivas do inimigo?
- Conseguimos manter o ímpeto?
- Retemos a iniciativa no campo de batalha?
- Destruímos a continuidade do sistema defensivo?
- Podemos conduzir operações de explorações para destruir as unidades remanescentes?

O leitor tem agora à sua frente os elementos básicos da defesa ativa pertinentes a este estudo, algumas das mais importantes limitações situacionais previstas, e uma sucinta descrição da atual doutrina ofensiva soviética. Com esta informação, é possível sintetizar estas ex-

pectativas divergentes e identificar as incoerências mais significativas na lógica entre a doutrina americana e as possibilidades soviéticas.

As seguintes parecem ser as mais óbvias e importantes:

- A defesa ativa denota ser uma defesa em profundidade. Embora isto seja um tanto válido quando comparado às anteriores dos EUA, ela pode ser demasiadamente pouco profunda, tendo em vista as distâncias que caracterizam os objetivos intermediários e final soviéticos. Na prática, a profundidade da zona de combate principal tem tendência a ser ainda menos profunda; as reservas são dispostas normalmente logo à retaguarda das unidades avançadas da ZCP, bem ao alcance da artilharia soviética.

Em conseqüência, pode-se esperar que sejam realizados reconhecimentos e preparação de segunda prioridade desde a área restante até a retaguarda, se realmente chegarem a ser efetuados. Esta tendência de desdobramento facilita os esforços soviéticos para fixarem, penetrarem e desbordarem o sistema defensivo. A importância desta ação não pode ser superestimada; dentro da seqüência soviética da ofensiva é absolutamente essencial *penetrar* o inimigo em vez de apenas repeli-lo.

- Na execução da defesa ativa, prevê-se que as unidades da ZCP estejam preparadas para aceitar um combate decisivo a fim de reterem terreno essencial ou impedirem a entrada em determinadas áreas vitais. Isto será conseguido pela preparação e ocupação de zonas e posições de combate. Esta abordagem enquadra-se perfeitamente no conceito tradicional americano de objetivos apropriados, mas ignora o que os próprios soviéticos identificariam como seus objetivos.

Conforme observa o estudo MOSA (Operações Militares do Exército Soviético), o terreno dominante raramente é o único objetivo para os soviéticos. Uma vez que os objetivos iniciais das forças do primeiro escalão se encontrarão muito além das unidades avançadas da ZCP, esta disposição por parte das unidades dos EUA de aceitarem um combate decisivo não invalida os planos soviéticos; em vez disto, ela auxilia o processo de penetração ao imobilizar parte das forças defensivas.

- A capacidade de reforçar uma área crítica no momento crítico é o núcleo do conceito de defesa ativa. Este processo prevê unidades menos empenhadas da ZCP rompendo o contacto com o inimigo, retraindo pelos flancos ocupados núcleos de defesa mais a retaguarda e voltando a combater, enquanto outras unidades avançam oriundas da retaguarda quando então a força em conjunto se movimenta para a retaguarda. Mesmo se não levarmos em conta as ações soviéticas, as falhas normais do equipamento, os veículos perdidos, os comboios desviados e as comunicações de comando e controle sobre carregadas levantam sérias dúvidas sobre a conveniência desta técnica.

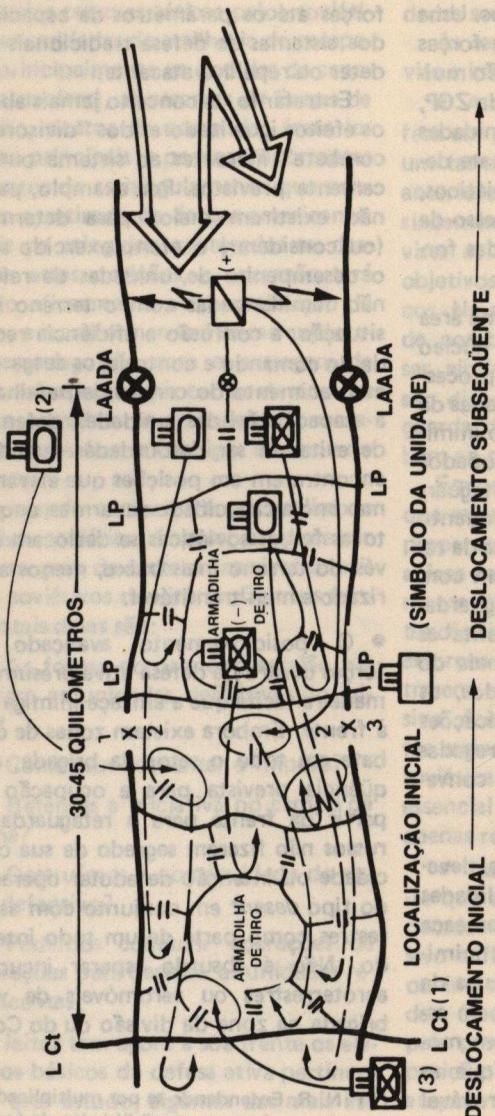
Além destes problemas internos, deve-se também considerar as possibilidades de guerra eletrônica soviética, a ameaça crescente de ataques aerotáticos inimigos, a capacidade da artilharia russa de destruir ou neutralizar unidades em especial se estas se encontrarem em movimento), e o ritmo acelerado que as suas forças esperam manter. É provável que o resultado líquido contribua mais para sobre carregar o sistema de comando e controle americano do que para a criação de uma defesa eficiente.

- A defesa ativa baseia-se profundamente nos multiplicadores de combate a* fim de reduzir a desproporção entre forças até os parâmetros da capacidade dos sistemas de defesa tradicionais para deter ou repelir o atacante.

Entretanto, o conceito jamais aborda os efeitos igualizadores dos "divisores de combate" inerentes ao sistema ou logicamente previstos. Por exemplo, parece não existirem meios para determinar (ou considerar) o efeito exercido sobre o desempenho de unidades de reforço não familiarizadas com o terreno ou a situação, a confusão e eficiência reduzida do comando e controle, os desgastes e escurecimento do campo de batalha, ou a capacidade das unidades defensivas de evitarem ser desbordadas quando se encontrarem em posições que elevam ao máximo a capacidade das armas, enquanto as forças soviéticas se deslocam através do terreno mais baixo, menos arboreizado e mais transitável.

- O posicionamento avançado das forças dentro da defesa ativa presume de maneira tácita que a ameaça inimiga será à frente. Embora existam zonas de combate em todo o setor da brigada, a sequência prevista para a ocupação é a partir da frente para a retaguarda. Os russos não fizeram segredo de sua capacidade ou intenção de adotar operações do tipo *desant* em conjunto com as terrestres como parte de um todo integrado. Não é absurdo esperar incursões aeroterrestres ou aeromóveis de valor brigada na zona da divisão ou do Corpo

(*) N. R. Entendendo-se por multiplicadores de combate as possibilidades da força e as deficiências da força confrontante, específicas de uma situação que permite equilibrar ou desequilibrar o poder de combate.



Observações:

- (1) Não constitui um limite da retaguarda no sentido tradicional da palavra.
 - (2) Unidade "de reforço" da parte menos empenhada do LAADA.
 - (3) Unidade "de reforço" da reserva do Corpo recém-chegada.
- A defesa é levada a cabo com a mesma estrutura de força utilizada no exemplo encontrado no *FM 71-100, Brigade and Division Operations, (Armor/Mechanized)*, Departamento do Exército, Washington, D.C., maio de 1977, pp. 4-65 a 4-70.

Observe que cada fase subsequente da resistência empêna um maior número de batalhões. Zona da Força de Cobertura (+), LAADA = dois batalhões, armadilha de tiro inicial = três batalhões, subsequente = quatro batalhões, refletindo o método de reforço proposto.

Figura 2

de exército para facilitar a exploração rápida após a penetração.

- A defesa ativa, tal como concebida atualmente, parece apreciar de maneira inadequada o ritmo dos progressos que as publicações militares soviéticas e as forças disponíveis indicam serem prováveis. Um preceito básico do atual plano defensivo é o processo de "reciclagem" dos sistemas de armas críticos, segundo o qual eles engajam o inimigo numa posição avançada e se deslocam depois para novas posições, cerca de 3 a 5 quilômetros mais à retaguarda, para combaterem mais uma vez.

Embora isto pareça razoável à primeira vista, se considerarmos a velocidade relativa de movimento através campo das unidades dos EUA que se deslocam para a retaguarda por itinerários cobertos e indiretos enquanto as tropas soviéticas avançam através de terreno relativamente plano e aberto, torna-se logo evidente que a ocupação de posições subsequentes a alguns quilômetros de distância provavelmente se transformará numa corrida. Nesta altura, a capacidade de realizar uma ação defensiva coerente torna-se assaz tênué.

- Existe ainda um problema fundamental na defesa ativa. Isto é, se as forças disponíveis forem empenhadas na ZCP da maneira prevista com freqüência, não haverá suficientes recursos de combate disponíveis subsequentemente para combater a segunda batalha, mesmo se vencermos a primeira.

De acordo com o conceito de Exército Total e as atuais limitações na mobilidade estratégica, é improvável que quaisquer reforços de grande vulto estejam disponíveis no mínimo por várias semanas. Portanto, parece haver uma lógica desarticulada na afirmação de que

esta será uma "guerra inopinada" enquanto se planeja empregar esses escassos potencial humano e material de tal maneira que sejam esgotados bem antes da chegada de reforços.

Conclusões

Antes de considerar que conclusões podem ser razoavelmente extraídas do que já foi abordado, devo acentuar um importante aspecto. Estou ciente da grande influência que a política e diretrizes da OTAN exercem na determinação do tipo de defesa a ser empreendido e de quanto território deve ser utilizado na sua execução. Porém, isto não exclui a responsabilidade do militar profissional de considerar, explorar e, quando possível, testar esses conceitos e aconselhar os planejadores políticos sobre as conseqüências das suas decisões.

Já que foram apresentados os argumentos e feitas as advertências, chegou o momento de identificar estas cinco conclusões gerais:

- A definição convencional de "vencer" deve ser substituída por uma baseada em privar o inimigo de seus pré-requisitos para a vitória.

- A defesa ativa não deve ser de modo algum uma defesa no sentido americano tradicional, mas um retardo com resistência cada vez mais crescente sem permitir o engajamento decisivo ou a oportunidade de penetração e rompimento do sistema defensivo.

- Para corroborar as conclusões precedentes, deve ser alterada a seqüência das prioridades das unidades para refletirem, em ordem, a sobrevivência e a eficiência como uma unidade, a manutenção da integridade do sistema defensivo e a inflação do máximo de danos ao inimigo, sem permitir o combate decisivo.

— A validade e conveniência de se aceitar como dogma que a próxima guerra será de curta duração (de duas a três semanas) precisam ser reavaliadas. Embora seja sem dúvida atraente política e economicamente, este conceito assegurará aos soviéticos, por definição, uma posição vantajosa para negociar, enquanto suas forças se encontram no interior do território da OTAN.

— Provavelmente, a deficiência mais grave é a impossibilidade de abordar, de alguma maneira, como será empreendida a defesa ativa se forças *desant* de vulto estiverem atuando na retaguarda da divisão ou Corpo do Exército. Nenhuma outra faceta da doutrina soviética apresenta potencial tão letal para destruir a viabilidade da defesa ativa. Isto é devido parcialmente à dificuldade prevista de se realizarem operações *antidesant*, mas em maior grau ao fato de a comunidade doutrinária não ter ainda iniciado o estudo meticoloso do problema.

No quadro geral da análise e das conclusões já expostas, é possível identificar algumas recomendações específicas para compatibilizar a defesa ativa ao provável ambiente do campo de batalha em que será empregada. Elas são:

- Dever-se-ia considerar o estabelecimento do LAADA inicial mais para oeste ou a ampliação dos planos atuais para a retaguarda mediante um segundo LAADA que poderia ser ocupado caso as unidades não conseguissem chegar às posições mais avançadas.

- Alteração na seqüência das prioridades de combate para fazê-lo refletir a preservação da integridade das unidades e o preceito de que impenetrabilidade do sistema defensivo é mais

importante que a retenção de terreno chave.

- Desenvolvimento de critérios discretos e sua comunicação às unidades combatentes para que possam determinar o que constitui engajamento decisivo.

- Reorientação dos pelotões de reconhecimento dos batalhões, reforçados por uma equipe de guias de cada companhia, para realização de reconhecimentos pormenorizados, seleção e preparação limitada de posições na retaguarda.

- Os efetivos e missões da força de cobertura devem ser reavaliados à luz do conceito soviético de investida arrojada para determinar a conveniência de se designar uma parte tão significativa das forças de combate disponíveis para a frente da ZCP.

- As zonas das brigadas devem ser consideravelmente mais profundas, com as reservas dispostas em profundidade.

- As unidades da ZCP devem ser treinadas a realizar operações retrógradas rápidas sem aceitarem o engajamento decisivo em situações em que as comunicações acima do escalão batalhão sejam limitadas ou nulas.

- A área decisiva deve ser reforçada por unidades avançadas que recuem e por unidades da retaguarda que se desloquem pelos flancos para desenvolver e executar armadilhas de tiro preparadas, e não por unidades da retaguarda que tentem avançar.

- A ocupação de posição e zonas de combate deve ser efetuada por movimentos de profundidade consideravelmente maior — isto é, batalhões que se desloquem para a retaguarda 10 ou mais quilômetros de cada vez.

Os aspectos essenciais dos cinco capítulos são indicados de maneira esquemática na Figura 2.

Finalizando, a intenção deste artigo não é comprovar que é impossível empreender operações defensivas contra as forças soviéticas, e sim que é possível fazê-lo, desde que sejam modificados alguns conceitos e alterada a seqüência das prioridades. Espera-se que este artigo seja de assistência no processo de discussão e avaliação do emprego do conceito de defesa ativa no ambiente da OTAN.

REFERÊNCIAS

- 1 Manual de Campanha, (FM) 100-5, *Operações*, Departamento do Exército, Washington, D. C. 19 de julho de 1976, p. 1-1.
- 2 FM 71-100, *Brigade and Division Operations (Armor/Mechanized)*, Departamento do Exército, Washington, D. C., maio de 1977, p. 4-69.
- 3 Este termo é traduzido diretamente do russo. Ele abrange um conceito do pensamento tático e estratégico que não tem equivalente no Ocidente. Muito semelhante ao alemão *Schwerpunkt*, ele significa muito mais que o indicado pela tradução literal. As operações *desant* incluem todos os tipos de operações realizadas mediante o ataque aos flancos ou à retaguarda, marítimo ou aéreo, e dependem do segredo e da rapidez para conseguir sua missão. As tarefas *desant* variam de grupo de combate a divisão em valor, e de táticas e estratégicas em escopo e impacto. Segundo a perspectiva soviética, o mérito excepcional deste tipo de operação reside no seu profundo efeito destrutivo sobre o moral e a disposição para o combate das tropas inimigas. Para maiores informações sobre este conceito, ver *Armies and Weapons*, Número 27, pp. 21-25.
- 4 *Military Operations of the Soviet Army (MOSA)*, Relatório do USAITAD No. 14-u-76, Subchefia de Informações do Estado-Maior do Exército, Washington, D. C., p. 13.



O Major Floyd V. Churchill integra atualmente a equipe de artilharia do Grupo de Prontidão Bragg, no Forte Bragg, Carolina do Norte. Formou-se por The Citadel, e obteve os títulos de Mestre em Artes da College of William and Mary e de Arte e Ciência Militares da ECEME/EUA, turma de 1978. Serviu na Alemanha num estado-maior de planejamento de exercícios do V Corpo, e participou de diversas operações da Força Móvel Aliada em vários países da OTAN, quer como comandante ou oficial de ligação do contingente de artilharia dos EUA.

(Transcrito da MILITARY REVIEW
— Edição Brasileira — 1º Trimestre 1979)